PARTIR PARA O TRABALHO DE CAMPO EM SOCHAUX COM “BOURDIEU NA CABEÇA”

*Michel Pialoux e Stéphane Beaud **

Tradução: Maria Helena Rocha Antuniassi¹

Revisão Técnica: Leonardo Mello e Silva

Resumo: O texto percorre um longo itinerário de pesquisa dos autores com um informante, militante operário de uma fábrica de automóveis francesa, cujos resultados são aqui expostos na forma de um depoimento e de uma reflexão – metodológica e teórica – acerca do fazer sociológico, da relação entre o pesquisador e o pesquisado, dos dilemas e das escolhas que se colocam para capturar uma experiência ao mesmo tempo individual e coletiva, tendo como inspiração o trabalho de Pierre Bourdieu e as indicações que se pode encontrar na obra desse autor sobre o trabalho de campo, a representação das classes populares, a questão da cultura dos dominados, e a biografia social (e seus limites). Ao mesmo tempo, são discutidas as especificidades do trabalho dos autores em relação aos temas e ao conjunto das contribuições conhecidas de Bourdieu.

Palavras-chave: etnografia operária; Pierre Bourdieu; biografia social

Summary: The text tracks a long itinerary of research in which the authors worked mainly on a single informant, a militant factory worker in a French auto plant. The outcomes of the research are presented here via both an account and a reflection – methodological and theoretical – about the sociological making, the relationship between the researcher and the researched, the dilemmas and choices presented in order to capture an experience that is both individual and collective, all taken and inspired from the topics found in the works of Pierre Bourdieu. Among such topics are: the fieldwork as a tool for ethnography, the representation of the popular classes, the question of the dominated culture and the social biography (and its limits). At the same time, the authors provide clues to what is specific and particular about their own work when facing to the work of Bourdieu.

Keywords: Working Class Ethnography; Pierre Bourdieu; Social Biography

* Prof. Dr. Michel Pialoux – pesquisador da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Centre de *Sociologie* Européenne, CNRS, Paris.

Prof. Dr. Stéphane Beaud – professor do Departamento de Ciências Sociais da École Normale Supérieure, Paris.

¹ Profª. Titular da UNESP – Diretora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos.

A sociologia francesa conhecida através dos trabalhos de mestrado dos estudantes de sociologia ou de teses de doutorando, ou publicações das principais revistas da disciplina, efetuou, depois de meados dos anos 90, o que se poderia chamar uma “virada etnográfica”. Nos anos 1960-70, a pesquisa estatística constituía o instrumento metodológico que “fazia prova”, e somente o raciocínio estatístico podia dar à disciplina seu status científico (HERAN, 1984), lhe permitindo lutar com as mesmas armas com as outras ciências sociais. A recente e progressiva dominação do trabalho de campo nas pesquisas da sociologia empírica francesa se fez principalmente sob o signo da redescoberta (e da tradução) dos trabalhos das diferentes gerações da “Escola de Chicago”² - as aspas, como se sabe, se impõem hoje em dia. (CHAPOULIE, 2001; TOPALOV, 2003). No contexto das lutas teóricas que estão no centro dos combates internos a uma disciplina, o lugar ocupado na sociologia francesa contemporânea pelo interacionismo (*versus* a análise estrutural), e hoje aquela do pragmatismo, concomitantemente com a poderosa rejeição do “determinismo” pelos estudantes, tem apresentado o efeito objetivo de minorar a importância dos trabalhos de campo na sociologia de Bourdieu e dos pesquisadores do *Centre de Sociologie Européenne* - CSE - desenvolvida nos anos 1960-1970.

Dando este título à comunicação que serviu de base ao presente texto, “Partir para o trabalho de campo de Sochaux com “Bourdieu na cabeça”, nós tínhamos também como projeto, mais ou menos claro, tentar acabar com a ideia arraigada segundo a qual trabalhar com o quadro teórico de Bourdieu significava, *ipso facto*, que este tipo de trabalho cairia automaticamente no uso mecânico de seus modelos teóricos, prestando-se assim a uma crítica clássica: colar um modelo sobre os dados de campo da pesquisa, reduzir a interpretação dos dados a um quadro teórico preexistente; dito com outras palavras, nada menos que transgredir o modelo epistemológico dominante hoje em dia nas reflexões sobre a pesquisa de campo (SCHWARTZ, 1999), aquele da teoria emergente ou *grounded* teoria (GLASER, STRAUSS, 1964) onde o etnógrafo faz emergir, no fio do tempo da pesquisa, as categorias de análise pertinentes e adaptadas aos dados etnográficos recolhidos.

Ora, digamos de passagem, seria absurdo pensar que se pudesse partir para o campo com seu “Bourdieu no bolso”, reduzindo a pesquisa etnográfica a uma boa utilização dos preceitos do “Mestre”. Não se parte para o campo e/ou não se faz pesquisa de campo procurando validar as hipóteses ligadas aos modelos teóricos. Ao contrário, o pesquisador passa o tempo procurando transpor as análises e afinar a problemática *in situ* (in

² A figura d’ Howard Becker sendo central aqui tendo em vista o sucesso constante junto aos estudantes de sociologia, notadamente de um livro como *Outsiders*.

loco) Assim, a construção que se faz depois se encontra em muitos escritos sobre as maneiras de fazer o trabalho de campo, uma forma de dualismo opondo de um lado a pesquisa que denominamos “bourdiesiana” que se contentaria de validar *in situ* e *ex post* as hipóteses teóricas forjadas *ex ante* e, de outro lado, a “verdadeira” pesquisa etnográfica que tem a vantagem da simplicidade mas que peca pela seu esquematismo e merece, ao nosso ver, ser corrigida e confrontada aos trabalhos de sociologia reflexiva, como aquela que fazemos aqui a propósito de nossa pesquisa em Sochaux.

L. BOURDIEU E O TRABALHO DE CAMPO: DISSIPAR AS IDEIAS ARRAIGADAS

Tem-se, hoje em dia, certa tendência a esquecer de que Bourdieu começou como etnólogo antes de se converter à sociologia. Ele mesmo com frequência comentava que, a seus olhos, a única maneira digna de se engajar no caminho da heresia (para um *normalien/agrégé* de filosofia do seu tempo) das ciências sociais na segunda metade dos anos 1950 consistia em se dirigir para a antropologia estrutural (e a obra já magistral de Levi-Strauss), ao lado da qual a sociologia empírica à americana então *mainstream* (a enquete *survey*), sem imaginação sociológica (Mills, 1959), era exemplo a ser evitado para um jovem filósofo ávido de saber empírico e impaciente para enfrentar, no patamar da teoria, seus pares mais velhos.

Lembremos também aquilo que poderia passar por “banalidades” mas que tem necessidade de ser dito novamente no contexto atual da nossa disciplina, onde uma postura anti-Bourdieu ganha terreno em diferentes regiões do campo da sociologia francesa, notadamente entre os estreates melhor escolarizados, convivendo com os mais apressados em obter um reconhecimento acadêmico rápido “ultrapassando Bourdieu”. Em primeiro lugar, gostaria de dizer e afirmar que trabalhar no *Centre de Sociologie Européenne* (CSE) dos anos 1960-70, quer dizer, seguir os seminários da época e participar ativamente da rotina da pesquisa, significava também e sobretudo obedecer a um preceito fundamental compartilhado pelo conjunto dos membros do CSE: fazer sociologia cientificamente é, antes de tudo, ir pesquisar em todas as direções, sem preceitos metodológicos *a priori*, porque a enquete deve vir primeiro. Certo, na fase da passagem/conversão de Bourdieu da etnologia à sociologia, o método de pesquisa que se impunha nos anos 1960-70 era sobretudo a enquete por questionário: ela servia de alavanca empírica para as pesquisas, como mostram todas as grandes pesquisas de sociologia da educação e da cultura, as quais vão dar lugar às obras *La Distinction* ou *La Noblesse d'Etat*. Mas, e isso é muito frequentemente esquecido, uma parte não negligenciável foi deixada ao CSE para os sociólogos que desejavam fazer, antes de tudo, ou mesmo exclusivamente, “pesquisa de campo”, como mostram os trabalhos – aqui citados em

desordem - de Abdelmalek Sayad sobre os imigrantes, de Francine Muel-Dreyfus sobre os educadores especializados, de Jean-Claude Chamboredon sobre a delinquência e a juventude, de Yvette Delsaut sobre os meios populares do Norte, de Gabrielle Balazs sobre os desempregados, de Jean-Claude Combessie sobre os operários agrícolas de Andaluzia, de François Bonvin sobre as grandes famílias (cf. a bibliografia no fim do artigo).

Em seguida, é preciso lembrar que se formar e fazer sociologia no CSE dos anos 1960-70³ era não somente pinçar na caixa de ferramentas conceitual, forjada por Bourdieu e desenvolvida igualmente pelos outros pesquisadores do CSE, mas também construir progressivamente um objeto de pesquisa, fazer na pesquisa de campo escolhas precisas, abrindo micro-campos e abandonando outros, encontrar um modo de escritura etnológica que aporta elementos de resposta a grandes questões sociológicas, como por exemplo, aquela do “futuro da classe operária”.

2. PESQUISAR SOBRE O MUNDO OPERÁRIO: DOS TEXTOS DE BOURDIEU AO NOSSO ITINERÁRIO DE PESQUISA

O mundo operário nunca foi um objeto central para Bourdieu. Ele trabalhou, como se sabe, com outros pesquisadores quando de seus primeiros anos de pesquisador, sobre o mundo camponês (*kabyles; béarnais*), sobre os trabalhadores argelinos desenraizados do campo (*Travail et travailleurs en Algérie*, 1964), mas, com exceção de alguns breves e espalhados textos (cf *La Grève* em *Questions de Sociologie*), ele não escreveu diretamente sobre o mundo operário. Isto não significava que ele não se interessava por ele: a questão da “classe operária” era, nos anos 1960, ainda ardentemente debatida na sociedade francesa e, por isso mesmo, na sociologia francesa - então fortemente impregnada de “marxismo”, notadamente de marxismo althusseriano, muito influente no final dos anos 1960, e que Bourdieu conhecia muito bem enquanto antigo aluno de filosofia da rua d’Ulm, mas cujo teorismo dos althusserianos (*jovens normaliens/agrégés* de filosofia) ele não apreciava. Talvez seja por isso que, como esse assunto era também o alvo de um forte investimento por parte de sociólogos-militantes/militantes-sociólogos, Bourdieu tenha mantido uma certa reserva neste domínio. Entretanto, a questão das transformações das classes populares não poderia deixar de lhe interessar: daí os trabalhos lançados no quadro de

³ Recuando no tempo, pode-se dizer que esses anos 1960-70, através notadamente dos seminários do *Centre* e os primeiros anos da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* constituíram sem dúvida um grande momento de efervescência intelectual na sociologia francesa (Boltanski, Grignon, entre outros). Pode-se dizer hoje em dia, recuando no tempo e sem grandiloquência, que nesse período muito criativo do CSE tratava-se de “refundar a sociologia francesa”.

pesquisas do CSE por Yvette Delsaut (estudos de estilos de vida populares), por Grignon (sobre o ensino profissional e os colégios técnicos), por Sayad (sobre os imigrantes argelinos), e por Michel Pialoux (as chamadas *cités de transit*⁴ da região parisiense), mas também a publicação de um capítulo de *L'Établi*⁵ de Robert Linhart, as traduções no *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* dos historiadores marxistas “abertos” (E.P. Thompson, E. Hobsbawm) e de próximos dos *Cultural Studies* (R. Hoggart; R. Williams; P. Willis...)

No entanto, a questão do trabalho não cessou de “trabalhar” Bourdieu, como mostram algumas páginas do livro *Méditations pascaliennes* que lhe são consagradas - inclusive a questão do “trabalho operário”. Há, com relação a eses tema, um importante texto que nos marcou bastante: *Le Mort saisit le vif*. Trata-se de um texto de 1981 que vai além de Marx, ou de uma certa vulgarização marxista muito em voga nos anos 1970:

“*existe um investimento no próprio trabalho*” que faz com que o trabalho procure um benefício específico, irredutível ao benefício monetário: esse “interesse” do trabalho, que faz parte do interesse do fato de trabalhar e que é, por uma parte, o efeito da ilusão constitutiva da participação em um campo, contribui para tornar o trabalho aceitável para o trabalhador, apesar da exploração; ele contribui mesmo, em mais de um caso, a uma forma de auto-exploração. Esse investimento na própria atividade, que faz com que a atividade possa (para o artista ou intelectual, por exemplo) ser vivenciada como livre e desinteressada por referência a uma definição restrita do interesse identificado ao benefício material, ao salário, supõe de fato um acordo não consciente entre as disposições e a posição. Este ajustamento prático, que é a condição do investimento, do interesse (por oposição à indiferença) pela atividade exigida pelo posto se encontra realizada, por exemplo, quando as disposições, tais como aquelas que Marx chama “os preconceitos de vocação profissional”, e que se adquire em certas circunstâncias (hereditariedade profissional, por exemplo), encontram as condições de sua atualização em certas características do próprio trabalho, como uma certa liberdade de jogo na organização das tarefas ou certas formas de concorrência no espaço do trabalho (prêmios ou simples privilégios simbólicos, como aqueles que são doados aos velhos operários nas empresas familiares).”

Graças ao seu trabalho de campo na Argélia, e também por sua atenta e nova leitura de Weber (com J.C. Passeron), Bourdieu se coloca em guarda contra todas as profecias proletárias, colocando uma questão essencial (e muito atual): por que os operários, os mais dominados, os mais explorados, não se revoltam? Porque aceitam e/ou consentem na dominação? Bourdieu coloca assim em relevo o grande tema da “obreirização”,⁶ das condições sociais da “obreirização”, que é de uma certa forma o fio verme-

⁴ O mais baixo patamar dos alojamentos sociais, que se construía às pressas, no quadro das políticas públicas visando acabar com os *bidonvilles* (favelas). (Nota da tradutora)

⁵ Em português, o livro foi lançado pela editora Paz e Terra com o título de “Greve na Fábrica”.

⁶ Segundo os autores, processo de como se tornar um operário não só pelo trabalho e no trabalho, mas também em todos os domínios da existência.

lho da nossa pesquisa sobre os operários de Sochaux.

Este texto que o leitor tem diante de si representa uma reflexão a duas vozes, mas a dificuldade do seu exercício é que nós somos um duo e, mais precisamente, dois sociólogos que não tem a mesma idade, não pertencem à mesma geração social e política e, de fato, não tiveram a mesma relação com a sociologia de Bourdieu. Na medida em que Michel Pialoux foi o iniciador desta pesquisa, desenvolvida depois a dois, este texto, fruto de um trabalho em comum, propõe sobretudo uma reflexão sobre seu próprio percurso de sociólogo de campo e sobre o diálogo (subterrâneo) que este último tem – no curso desses vinte anos – ligado à sociologia de Bourdieu. A pesquisa em Sochaux começa com Michel Pialoux, em 1983, por um trabalho de tipo biográfico (pode-se ver que se trata de algo mais) com Christian Corouge sobre o militantismo operário, notadamente esse militantismo *a priori* improvável dos OS [Operário Especializado] da indústria automobilística.⁷ Assim, quando Stéphane Beaud se junta a ele na pesquisa de campo em Sochaux (em 1988-89), num momento em que os autores se esforçavam para ampliar a pesquisa (em direção a outros tipos de categorias operárias e de militantismo, mas também em direção à escola, ao alojamento e às famílias operárias), o “quadro teórico” da pesquisa estava já, grosso modo, traçado.

Comecemos por um resumo biográfico dos dois autores da pesquisa. Michel Pialoux, nascido em 1939 em uma pequena comunidade da região do Entre-Deux Mers (entre Garonne e Dordogne) fez os estudos em Bordeaux, primeiramente em 1956-59 como estudante de khâgne⁸ (com seu amigo J.C. Combessie) no Liceu Montaigne, e depois como estudante na Faculdade de Letras de Bordeaux, onde também obteve uma licenciatura em sociologia. Ele se tornou, depois de seus estudos universitários, professor de letras clássicas no ensino secundário durante alguns anos. Obtém licença do Ministério da Educação [*Education Nationale*] em 1966 e de-

⁷ Este texto é a ocasião para Michel Pialoux colocar o acento aqui sobre o papel que Pierre Bourdieu pode jogar, a vários títulos, no lançamento e na continuidade de seu trabalho sobre Sochaux. Mesmo se suas relações eram muito longínquas e episódicas (M. Pialoux não pertencia aos primeiros e segundos “círculos” que eram formados progressivamente em torno de Bourdieu no Centro de Sociologia Europeia) ele acredita poder dizer que Bourdieu o encorajou nessa pesquisa sobre os operários, mostrando-se constantemente favorável e lhe perguntando com frequência, quando se encontravam nos corredores do CSE, sobre notícias dessa pesquisa que lhe interessava e que talvez também o intrigava. Contrariamente à imagem que pode ser talvez dada à primeira vista de Bourdieu, M. Pialoux se lembra sobretudo de um certo tipo de liberdade a qual ele podia dar lugar. Ele era muito atento a esta questão de recorte do objeto, sempre distante de toda ortodoxia metodológica. Mesmo se as pesquisas do Centro por longo tempo repousaram sobre um suporte estatístico, não havia, segundo ele, recurso obrigatório à estatística ou ao questionário; o trabalho de campo bem desenvolvido encontrava sempre seu interesse. Mesmo se ele estivesse num período de sua vida científica (Professor no *Collège de France*) onde a perspectiva de fazer ele mesmo trabalho de campo era inviável. Bourdieu tinha prazer de incitar pesquisadores que manifestavam gosto pelo trabalho de campo a empreender estudos desse tipo.

⁸ Nota do tradutor: período de estudos depois do secundário, dois anos de preparação aos concursos de entrada nas chamadas “Grandes Escolas”, entre as quais a *École Normale Supérieure* e as escolas de engenharia e comércio.

pois, no início do ano universitário 1968/69, é nomeado assistente em sociologia na Sorbonne: é a partir deste momento que ele pode progressivamente se considerar sociólogo, e que começa a fazer “seriamente” sociologia, se lançando em uma longa pesquisa – com “muita atividade de campo” para a época, sobre os alojamentos temporários [*de transit*] (1968-1978) da região parisiense, e mais amplamente sobre a “habitação dos pobres” (que se tornaria depois objeto de sua *Thèse d’Etat*). Através deste objeto simples, as questões maiores e mais teóricas eram colocadas: elas se referiam, central e frontalmente, à questão então decisiva, no contexto das discussões realizadas em torno do marxismo, tanto na filosofia quanto na sociologia, sobre a estrutura da “classe operária”. Os debates eram então, nessa época dos anos 1960 -70, muito vivos, em torno de Marx – nas obras de Althusser, Castoriadis, Poulantzas – mas também em torno de Gramsci e da extrema-esquerda (Karl Korsch, Pannekoek). De forma rápida, pode-se dizer que esse trabalho de tese sobre o sub-proletariado francês dos anos 1970 visava, de um lado, desenvolver certas linhas de análise do marxismo (se esforçando para desembaraçá-la de seus falsos teóricos, de seus discursos proféticos, de seu economicismo então muito poderoso) e, de outro lado, fazer frutificar as aquisições dos primeiros trabalhos de Bourdieu, sobretudo esse livro mestre que é *Travail et travailleurs en Algérie* (BOURDIEU, 1964). O trabalho de campo então realizado sobre aqueles alojamentos *de transit*, – e mais particularmente sobre as frações mais pauperizadas do mundo popular –, universos sociais muito distantes daqueles que foram repintados depois nas cores risonhas da epopéia dos “Trinta Gloriosos”, era um convite constante a se desconfiar de dois perigos: de um lado, aquele constituído pelos vãos “foucaultianos” – por exemplo, Donzelot sobre a disciplinarização das famílias operárias (Meringnas, alias Pialoux), e de outro lado aquele ilustrado pelas análises muito objetivistas e a-históricas da classe operária (cf. o tema, muito badalado nos anos 1970, do operário-massa). A orientação escolhida para a análise, notadamente através da análise fina das trajetórias profissionais e residenciais dos moradores dos alojamentos *de transit* se inscrevia na análise de Marx estudando de perto o movimento de reestruturação contínua da classe operária. Assim, não se pode compreender o “momento Sochaux” no trabalho de Michel Pialoux sem considerar esse primeiro tempo da sua pesquisa de sociólogo, que significou essa longa enquete sobre os bairros *de transit* e os sub-proletários da região parisiense.

Stephane Beaud intervém mais tarde nessa pesquisa a dois, pois ele se junta a Michel Pialoux no trabalho de campo em 1988. Mais novo cerca de 20 anos,⁹ depois dos estudos de ciências econômicas em Dijon, e em

⁹ Veja-se a piada sobre os dois sociólogos na tarde de 14 de julho de 1989 por um operário de Sochaux, que durante toda a noite os chamava de “mestre” (Pialoux) e “mini-mestre” [*millimètre*] (Beaud), contado no último capítulo do livro “Retorno à condição operária” *cit.*

ciências políticas em Paris, ele bifurca em direção à sociologia, passando nos concursos: o CAPES – Certificado de Aptidão Pedagógica ao Ensino Secundário, obtido mediante concurso – e agregação de ciências econômicas e sociais. Faz parte desta geração de estudantes dos anos 1970, impregnada de marxismo, possuindo muitas obras da *Petite Colletion Maspero* e lendo [a revista] *Critiques de l'économie politique*.

Para ele, a conversão à sociologia se faz essencialmente lendo Bourdieu e a revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*: pode-se dizer que ela se deu “naturalmente”, tal era a afinidade eletiva entre o humor anti-institucional no qual estava imersa esta geração e “a sociologia crítica”. Essa adesão entusiasta à sociologia de Bourdieu pôde se fazer de forma tão mais fácil quanto seu potencial crítico das diferentes esferas de poder funcionara como um poderoso modelo teórico de substituição do marxismo, então em vias de perder o fôlego. Henri Peretz, que ensinava sociologia neste grupo preparatório ao concurso do CAPES à Sciences-Po, fazia ler a cada semana os textos de sociologia (entre os quais os de Chamboredon, Sayad), e que se tornavam apaixonantes, avivando o interesse por esse tipo de sociologia, já aguçado pela sua leitura esparsa dos textos mais ou menos de feição etnográfica: “Os Herdeiros” (*Les Heritiers*), no primeiro ano da faculdade, *L'établi*, de Robert Linhart,¹⁰ desde a sua publicação, em 1978, ou ainda *L'ordre des choses*, de Grignon, no último ano da *Sciences-Po*.

Voltemos à pesquisa de campo em Sochaux. É fundamental lembrar que ela se iniciou em 1983, por Michel Pialoux, que não era então um novato em matéria de enquete etnográfica: ele tinha freqüentado muito, nos anos 1967-80 (e no quadro de sua tese de Estado), o campo mais ou menos hostil em termos de acesso aos entrevistados e da manutenção de relações de pesquisa nas *cités de transit* da região parisiense, tendo notadamente produzido um longo artigo chamado “Jeunes sans avenir et travail intérimaire” [Jovens sem futuro e trabalho temporário] que se tornou um clássico na literatura sobre a sociologia da juventude (PIALOUX, 1979). Por que, então, ele mudou de campo de pesquisa no início dos anos 1980? Deixemos que ele fale de um modo subjetivo.¹¹

“Este trabalho de campo em Sochaux, onde eu fui pela primeira vez em março de 1983 para fazer uma primeira série de entrevistas com Christian Corouge, não foi previsto, a princípio, para durar muito tempo. Eu tinha ido, de certa forma, ‘para ver’: a princípio, para entrevistar este operário que me pareceu,

¹⁰ Publicado no Brasil pela Editora Paz e Terra sob o título de “Greve na Fábrica”.

¹¹ Reenviamos o leitor sobretudo ao seguinte artigo de Christian Corouge e Michel Pialoux publicado no número 196-197 (2003) da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*: “Engajamento e desengajamento militante nas fábricas Peugeot de Sochaux nos anos 1980 e 1990: Porque a *Chroniques Peugeot* de 1984-1985 publicada na revista *Actes* se interrompeu?”

desde nosso primeiro encontro em Paris, como um operário muito particular¹² e, portanto, para ser entrevistado longamente. Em seguida, está esse lugar geográfico imponente – mesmo não sendo assim tão “mítico” para os operários¹³ quanto Renault-Billancourt – abrigando a maior fábrica da França (42000 assalariados em 1979, o pico de crescimento do efetivo), uma forte seção sindical da CGT [*Confédération Général du Travail*], o maior comitê de empresa privada da França, etc. Acontece, sobretudo, que as primeiras entrevistas no local com Christian Corouge se revelaram tão apaixonantes – elas constituíram um momento inesquecível na minha vida de pesquisador, me marcaram profundamente e me sacudiram, produzindo em mim um choque “científico” – que eu decidi permanecer em Sochaux e trabalhar no local durante um longo tempo.¹⁴ Então me pareceu evidente que eu não poderia deixar escapar uma tal ocasião para fazer um “verdadeiro” trabalho de campo, fazendo uma imersão longa *in loco*.¹⁵

Tratava-se antes de tudo de aproveitar uma oportunidade – aquela de desenvolver um trabalho com um militante que me parecia ter características sociais muito particulares, ter um discurso muito original, estar numa situação muito específica, por razões que eu podia apenas entrever e as quais eu não havia compreendido completamente, parecendo-me por isso interessante aprofundar – de me ajudar a desenvolver um trabalho teórico. Os primeiros resultados desse trabalho, realizado através de entrevistas em profundidade, foram prontamente submetidos, em estado quase bruto, a Bourdieu, sendo que o material o surpreendeu por sua originalidade. Ele então decidiu rapidamente publicar trechos sob a forma de “Crônicas Peugeot” (assinadas conjuntamente por Michel Pialoux e Christian Corouge), as quais apareceram regularmente na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* em 1984 e 1985.”

¹² Eu o encontrei por intermédio de Bruno e Francine Muel, em Paris, quando ele veio como delegado CGT no começo dos anos 1980 para uma negociação sobre as classificações dos operários não-qualificados [OS].

¹³ Restava entretanto o traço das feridas, ainda vivas na memória operária, de Maio de 68 (os dois operários mortos em junho de 1968 nos afrontamentos muito violentos com os CRS [*Compagnie Républicaine de Sécurité*: são as forças de segurança encarregadas de conter as manifestações de massa, espécie de “tropa de choque” da Polícia Nacional Francesa])

¹⁴ Considerando o que isto implica em termos de condições de trabalho: deixar Paris várias semanas seguidas, romper durante o tempo de enquête *in loco* com minhas diversas obrigações (profissionais, familiares...). Essa escolha de trabalhar sobre a fábrica de Sochaux paralelamente significou para mim qualquer coisa de essencial: a parada do trabalho da tese de Estado, a respeito da qual eu deveria me dedicar (eu tinha obtido em 1981-83 uma delegação do CNRS [*Centre National de la Recherche Scientifique*, o equivalente do CNPq francês]) e que eu então não conseguia terminar. Isso também significou a parada do trabalho coletivo sobre os operários de Amiens, começado nos anos 1980 com M. Gollac (em 1982), J.C. Combessie e A. Desrosières (em 1984).

¹⁵ Coisa que eu não tinha nunca conseguido fazer completamente quando do trabalho sobre as *cités de transit* no subúrbio parisiense. Isso porque ali eu não estava nunca privado dos amigos, da faculdade, do laboratório, da vida familiar etc. Em Sochaux, a 550km de Paris, as pontes podiam ser mais facilmente rompidas e eu podia me consagrar por algumas semanas inteiramente ao “meu” campo.

3. ESTUDO DE CASO BIOGRÁFICO E SOCIOLOGIA DO GRUPO OPERÁRIO

Para Michel Pialoux, trabalhar em Sochaux era também abordar, no mesmo movimento de análise, questões que dão relevo simultaneamente à modernização industrial, ao militantismo operário, ao engajamento sindical e político, às práticas de “insubordinação operária” (ver o trabalho de Xavier Vigna), à dominação cultural, ao papel do delegado e do porta-voz, às lógicas de captação do poder das quais se pode beneficiar.

É preciso também visualizar que, nesse momento da chegada da esquerda ao poder e da virada em direção ao rigor (o que se chama hoje de “austeridade”), um momento onde também se observava uma retração do marxismo no âmbito universitário, a escolha de trabalhar sobre o mundo operário constituiu, mais ou menos confusamente, uma maneira de resistir ao ar do tempo ideológico que se anunciava: aquele do *Adieux au Proletariat*, de André Gorz. Mas é preciso também visualizar que, é porque eu tinha lido de perto – e trabalhado com meus estudantes – os textos de Bourdieu, sobretudo aqueles sobre a representação política (BOURDIEU, 1981), cuja pertinência dos esquemas de raciocínio eu já tinha testado em meu trabalho anterior sobre a habitação dos pobres e sobre as frações pauperizadas das classes populares, quando então percebi, rapidamente o grande interesse que havia em se engajar em um trabalho de campo tendo como aliado alguém como Christian Corouge.

Eu gostaria de insistir sobre o fato de que, no momento em que eu redigia os primeiros artigos para a revista *Actes*, uma intenção teórica habitava claramente o trabalho que eu começava a desenvolver em Sochaux. Ela estava muito ligada às interrogações que eu tinha estabelecido no decorrer da década precedente, desenvolvendo pesquisas sobre o mundo operário da região parisiense e, mais precisamente, sobre os problemas da estrutura interna da classe: homogeneidade e heterogeneidade, relações entre as diferentes frações que a constituem¹⁶ etc. Esse trabalho sobre um indivíduo deveria desembocar, a meu ver, sobre a retomada de uma reflexão sobre a construção de um grupo operário. O tema da construção de grupos sociais estava então, nesse começo dos anos 1980, no centro da renovação das análises sobre as classes sociais pela equipe do *Centre de Sociologie Européenne*. A tese de Boltanski sobre os executivos tinha sido publicada em 1982 (BOLTANSKI, 1982) e os historiadores do mundo operário, os mais abertos em relação às ciências sociais, tinham levado em conta os textos da revista *Actes de la Recherche* sobre o tema das classes sociais – todos devendo bastante a E.P. Thompson – para propor uma nova história

¹⁶ Esta intenção não estava talvez claramente fixada no momento em que eu me lancei nessa tarefa. Nossas entrevistas se desenvolviam então em direções muito diferentes, um pouco ao acaso. Nós não nos interditávamos qualquer tema; abordávamos todos os aspectos da sua existência e da sua experiência, pessoal, familiar, profissional.

do mundo operário (NOIRIEL, 1986). A primeira série de entrevistas realizadas em 1983, 1984 com Christian Corouge constituiu, de alguma maneira, o primeiro momento da pesquisa em Sochoux. Esse primeiro trabalho fez perceber a complexidade da questão relativa à construção do grupo operário tanto na oficina quanto na vida social em torno da fábrica, de tal maneira então que essa questão estava indissolvelmente ligada àquela da construção política do grupo tanto quanto àquela da diversidade das formas concretas do trabalho operário nas oficinas. A questão que se encontrou rapidamente colocada no centro de nossas entrevistas foi aquela dos operários lotados no trabalho de montagem (a maior parte de origem rural, vindos freqüentemente do Maghreb ou da Turquia, desprovidos de diploma, etc) e a maneira como eles eram tratados na fábrica, a violência que se exercia sobre eles, as formas de resistência (individual ou coletiva) ocultas ou abertas que eles podiam lhe opor, da sua relação com os operários qualificados, da confiança que eles depositavam em alguns deles para assumir sua defesa. O sentido da pesquisa que eu poderia desenvolver com Christian me apareceu rapidamente de forma clara. Eu devia procurar “seguir”, quer dizer reconstituir passo a passo (colocando, se necessário, questões tendo em vista chegar a uma completa explicitação) os momentos do trabalho que ele tinha feito e fazia ainda, no momento em que nos falávamos, para mobilizar os operários da oficina a fim de lhes fazer aceder a uma outra forma de existência política, diferente daquela que eles conheciam no cotidiano (dispersão, atomização), para unificar seu grupo, material e simbolicamente, tendo em vista obter um elemento com peso político maior no combate dos operários na fábrica.

Este trabalho de politização podia ser descrito como uma luta; uma luta que se desenvolvia em várias frentes: com e contra a pequena chefia (monitores e chefes de equipe), com e contra os operários qualificados da oficina, com e contra o aparelho sindical). Essa luta se inscrevia num projeto maior que, qualquer que fosse a violência das críticas que Corouge lançava contra os “permanentes” (funcionários do sindicato), era aquele do movimento operário francês tradicional. Nessa perspectiva, eu então procurei fazer aparecer, na continuidade do trabalho de Bourdieu e Boltanski sobre as formas de representação política, a complexidade do trabalho político que desenvolvia este operário singular, os obstáculos com os quais ele se deparava, etc, e igualmente as formas das crenças que tinham sustentado a sua ação por longo tempo (e aquela do pequeno grupo de camaradas que o acompanhavam na sua missão).

A particularidade dessas entrevistas e desse trabalho de campo¹⁷ se refere aos pontos que eu evoquei em momentos muito diferentes de sua

¹⁷ Como ressalta Florence Weber, a relação com o entrevistado depende de seu comportamento pessoal, da sua história, etc., mas ela depende também da natureza das relações sociais que existem no meio pesquisado. E isso

existência cotidiana: na rotina do trabalho, na oficina, no cotidiano do trabalho militante (captando os depoimentos no calor do momento), nas circunstâncias excepcionais de uma greve – aquela dos operários de carroceria em 1981 – em que Corouge se torna líder, etc. E isso em uma conjuntura histórica singular – meados dos anos 1980 – onde as crenças coletivas são golpeadas, onde as instituições sindicais e políticas que o movimento operário construiu ao longo do tempo parecem perder uma parte do seu poder de atração e da sua audiência, onde as utopias que tinham florescido nos anos 1970 vêm bater contra a angústia de um futuro cada vez menos previsível (aumento do desemprego, da precariedade), onde os valores que sustentavam tradicionalmente a ação do movimento operário parecem esboroar-se ou mesmo se afundar. Ao mesmo tempo, eu quis tornar sensível a importância das transformações que afetaram a maneira com que um militante delegado depois de 1973 redefinia seu papel como operário e militante e pensava suas relações com outros assalariados - operários qualificados, técnicos, permanentes do sindicato - e como pensava a emancipação dos operários em geral, e aquela dos mais desqualificados em particular. Eu quis que se pudesse refletir também sobre as condições das quais Corouge estava plenamente investido, durante quase 15 anos, no papel de militante de base, que ele manteve de maneira exemplar, assim como sobre as condições com respeito às quais ele chegaria, num certo momento, a me dizer: “eu fico louco, eu não posso mais militar, eu não militarei mais”.

Aquilo implicava dar atenção, ao mesmo tempo, à forma que tinha tomado seu testemunho (e a relação que ele tinha então comigo) e à representação que se tinha forjado da cultura e dos intelectuais, depois da época em que, jovem operário, ele chegou a Sochaux, bem como à maneira pela qual esta questão da relação com o mundo intelectual não tinha cessado de lhe frequentar.

4. PALAVRA OPERÁRIA/ PALAVRA MILITANTE/ PORTA-VOZ...

No fundo, pode-se dizer que esse primeiro trabalho que desembocou sobre as “Chroniques Peugeot” oferecia um esclarecimento original, a partir do tema particular da representação sindical na fábrica, de grandes ques-

conduz o pesquisador não somente a refletir sobre os determinantes sociais de sua própria aparência e de seu comportamento, sobre seu próprio sistema de referência, mas a se interrogar sobre a maneira em que esses podem se ajustar às regras prevaletentes no meio estudado. A clareza de seu próprio sistema de referência permite então compreender porque se entende uma coisa melhor que outra, e porque durante o trabalho de pesquisa o pesquisador ocupa um espaço e não outro, em qual lógica e segundo qual dinâmica se constitui e se desenvolve a relação que se mantém com a pessoa que testemunha, que depõe. Observa-se então por aí, que a questão da história intelectual do pesquisador não pode ser evitada. Regra geral - mas que no caso particular de um trabalho em torno da questão da representação política parece ainda mais incontornável.

tões teóricas que tinham sido colocadas/ retomadas por Bourdieu nos anos 1970-80 em torno da representação política, do mecanismo da delegação e do porta-voz. Entrevia-se, de uma parte, a maneira como um operário singular consegue constituir e exprimir seu ponto de vista sobre o mundo, juntar e constituir os fatos que se organizam em uma visão coerente do mundo e, de outra parte, a maneira como ele descobre ele mesmo, ao lhes trazer à luz e lhes dotar de expressão, um certo número de antinomias nas quais estão presas a ação militante operária e o trabalho de representação política dos “dominados”. Parece-me também que o interesse deste texto está colocado, de uma parte, na maneira como ele deixa perceber minha presença no trabalho de reconstrução da “realidade” no qual está engajado, e que revela qualquer coisa da maneira como eu intervenho no processo de tomar nas mãos (ao menos de modo provisório) a sua identidade.¹⁸

De fato, a questão de minha própria relação com este objeto muito particular que é o militante operário numa grande fábrica, há muito tempo um objeto para uma massa de literatura científica e política, não pode aqui ser evitada. Ela remete, com certeza, à história de uma geração, que é aquela do campo intelectual dos anos 1960-1970. Está claro, com efeito, que eu me encontrei preso, de uma maneira que seria necessário definir melhor, ao campo das interrogações políticas e existenciais que agitava Christian Corouge. A estas interrogações políticas (sobre o que deve ser a ação militante em uma grande fábrica) eu com frequência não dou as mesmas respostas que ele, por outro lado não as recuso. Tentei de preferência trabalhar sobre o seu conteúdo objetivo e sobre a maneira como elas eram formuladas. O que eu poderia dizer sobre esse assunto, aliás, só poderia ser incompleto. A maior parte dos diálogos e ou das interrogações que nós tivemos [o autor e Christian Corouge], eu não as fiz figurar nesses textos porque elas não foram evidentemente gravadas, mas também porque, para dizer rapidamente, me parecia que a “palavra estava com Corouge”. Eu, de fato, e para não carregar o texto publicado, freqüentemente tenho cortado passagens das minhas intervenções, velando para não alterar o sentido. No final, resta que o eco de nossas entrevistas anteriores, quer se note ou não, está constantemente presente no discurso do Christian.

Uma das originalidades do livro *Resister à la Chaîne* (COROUGE; PIALOUX, 2011) talvez esteja no fato de que certas questões que são

¹⁸ Nesse caso, me veio várias vezes a tentação de fazer desaparecer as questões que eu lhe colocava de reconstruir um texto a partir somente de trechos das entrevistas realizadas com ele. A tentação me veio igualmente de romper com o estilo falado que eu tinha utilizado nos artigos publicados na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* para retranscrever essas propostas e reescrevê-las em uma linguagem imediatamente compreensível. Aquilo teria tido, entre outras vantagens, o efeito de me colocar ao abrigo de uma investigação sobre meu próprio papel na produção desse texto. Mas eu finalmente renunciei, porque me pareceu necessário falar antes de uma maneira em que minha palavra suscitava ou provocava a sua.

habitualmente dissociadas na reflexão sociológica aparecem aqui como absolutamente ligadas. Sobretudo aquelas da representação política e da dominação cultural e simbólica (que retorna a questão da estruturação do espaço social e das formas de violência que ali se exercem). A questão da relação de Christian Corouge com a cultura (e primeiramente com a cultura legítima), de sua posição no mundo profissional e social, e de sua relação com certos grupos intelectuais aliados do mundo operário etc. não pode ser dissociada daquela do modo como ele concebe a representação dos mais dominados dentro da fábrica, em relação aos quais ele age para transformar a condição, e com os quais ele fala dessa ação. Mesmo porque ela não pode estar dissociada da questão de sua situação concreta de trabalho e de sua maneira de trabalhar na oficina. Tanto mais que a questão do trabalho do operário não-qualificado [o *ouvrier spécialisé*, em francês] e da condição do operário não-qualificado, a questão da palavra e da linguagem, além daquela da cultura (nos múltiplos sentidos que se possa dar a este termo) encontravam-se todas colocadas no centro de nossa empreitada. Eu quis fazer sentir, para toda a organização do texto, ao mesmo tempo a distância e a proximidade que havia entre três registros de expressão, três formas de relação com a palavra: uma palavra-ação, uma palavra-confidência, e uma palavra-testemunha.

- a) A palavra-ação é a palavra “política”, “militante”, aquela que se constrói no interior do grupo. O militante é evidentemente um porta-voz, um intermediário entre a direção da oficina, a chefia, e os operários da oficina, ao mesmo tempo em que ele é um mediador entre o grupo (a base) e a instância sindical onde são tomadas as decisões políticas. O militante é antes de tudo um homem da palavra, levando em conta o problema da palavra e da representação.
- b) A palavra-confidência é a palavra como instrumento de auto-análise, de construção e reconstrução da identidade. É a palavra a que C. Corouge acedeu através da relação que ele teve com os intelectuais, e que confere a sua extrema originalidade no interior do meio em que se encontra.
- c) A palavra-testemunha é aquela, para além do interlocutor imediato, que é enviada aos outros, à posteridade, à história. É aquela que leva C. Corouge a dizer: “é preciso que as coisas sejam ditas, sejam marcadas em qualquer parte”, e a encontrar uma espécie de tranquilidade provisória na certeza de que esse trabalho de “dar forma” [*mise en forme*] tenha sido feito.

Uma das originalidades deste trabalho tem a ver, portanto, com o fato de que, em justapondo textos muito diferentes que não foram enunciados ao mesmo tempo, que não foram conduzidos pela mesma intenção, se faz perceber a complexidade de uma relação com o mundo, ao mesmo tempo que a profunda solidariedade que une diferentes domínios do comportamento. A “centralidade” sobre um indivíduo muito singular (em que a representatividade não tem evidentemente nada a ver com a representatividade estatísti-

ca) toma assim um sentido mais geral. A reflexão sobre a relação com o mundo de um indivíduo singular conduz à reflexão sobre o grupo social.¹⁹

5. ANALISAR OS LIMITES DA “ENTREGA DE SI” NO MEIO OPERÁRIO

O centro do trabalho desenvolvido com Christian Corouge encontra-se na seguinte questão: o que é um porta-voz operário? Como se faz para ser ao mesmo tempo operário e delegado de pessoal/representante dos outros operários? Como representar os “companheiros” nas instâncias de negociação da fábrica sem lhes tirar o poder, sem trair o mandato que foi dado ao “representante” etc. Um outro interesse teórico deste trabalho se atém ao fato de que ele leva a refletir sobre a relação particularmente complicada que une a “fê” política de um indivíduo e as formas concretas de seu engajamento militante, em ligação com um certo estado da estruturação do grupo operário (em um lugar e uma conjuntura histórica precisas), que é sempre um grupo diferenciado, heterogêneo, entretendo relações de força com os outros grupos sociais.

Obrigando a refletir sobre a relação complexa, feita ao mesmo tempo de fascinação e distanciamento, que Christian Corouge mantém tanto com os operários não-qualificados [OS] de sua oficina de carroceria quanto com os operários qualificados da fábrica de Sochaux, ou com os representantes de um aparelho sindical (amplamente dominado pelos operários qualificados e os técnicos), assim como com os intelectuais (mais ou menos próximos do PCF) que lhe ajudaram a forjar uma consciência política, essas análises levam a desconfiar dos discursos muito gerais sobre os operários ou as “classes populares”, sua relação com a dominação, a forma que toma sua submissão à ordem estabelecida. Elas levam também a refletir sobre o que é o “desejo” militante, ou a “paixão” militante (desejo de ascender a uma outra vida? de não ser operário?), e os estragos a que essa paixão pode induzir. Elas obrigam ao mesmo tempo a refletir sobre os laços singulares que se estabelecem entre o militante e o grupo operário de uma oficina, sobre a maneira que o grupo “constrói” o militante, e que o militante “constrói” o grupo, contribuindo para fazer existir concretamente o coletivo. Deste modo, esses textos podem ajudar a colocar de uma outra forma a

¹⁹ Pode-se aproximar esta reflexão de certos “estudos de caso individual” de Bourdieu que restituem as lógicas de funcionamento de um grupo ou de um campo, mostrando, porém, como este se distingue daqueles, tanto pelo seu objeto (um operário de fábrica e não um filósofo consagrado, por exemplo), como pelo seu método (“a palavra dada a Corouge”, a restituição de uma voz viva, a tomada de um itinerário individual - e coletivo “no momento em que é feito”). Aqui, ainda, se reencontra um tipo de análise próxima do trabalho de Bourdieu, mas um *modus operandi* relativamente diferente, que repousa sobre o estudo seguido do percurso e do discurso de um homem preso na ação. Agradecemos a Catherine Leclercq por seu comentário sobre este parágrafo.

questão da parte que há de religioso num certo tipo de engajamento político. Mas também a questão da palavra na construção de um certo tipo de identidade operária, ao mesmo tempo que no processo de constituição do grupo.

Christian Corouge me pareceu rapidamente como um indivíduo obcecado pela questão do funcionamento da instituição sindical, da delegação de poder consentida nesse quadro, e dos efeitos de usurpação que daí decorre. Todas essas questões pareciam presas àquelas da sua própria vida, como se fosse uma coisa só. Ocorreu naturalmente de me perguntar se não era eu quem, pelo jogo de minhas questões, suscitava esses “problemas”, e é certo que, de uma certa maneira, eu o encorajava a falar disso, mas eu deveria também me render à evidência de que ele foi “trabalhado” pelas questões que não eram assim tão diferentes daquelas que eu me colocava, e que ele tinha uma extraordinária intuição das relações de força que estruturam o campo das instituições sindicais e políticas. Evidentemente, os problemas que eu tinha tentado teorizar em termos abstratos e muitas vezes emprestados de Bourdieu – delegação, monopolização e usurpação de poder etc. – ele os percebia e os construía à maneira dele, de um modo prático, que tinha pouco a ver com aquele de um sociólogo. Talvez por isso, por estar preso na urgência da ação, que ele se colocava sempre a questão “o que fazer?” “como eu vou me virar no jogo”?, ou que ele se encontrasse notadamente em uma situação de concorrência com outros militantes, ao mesmo tempo para a conquista política do espírito dos operários “de base” e pela imposição de um certo tipo de estratégia à organização sindical. Pareceu-me poder encontrar no esclarecimento dessas questões o fio - ou os fios essenciais – a partir dos quais eu devia tentar organizar uma grande parte do material que eu tinha reunido em Sochaux. Parecia que o trabalho feito com Corouge, os pontos de vista que ele desenvolvia sobre as lutas sindicais e políticas etc., a maneira que ele vivia então a sua vida sindical - ao mesmo tempo como um oblato extremamente devotado à organização e um herege –, podia contribuir para fazer avançar a reflexão sobre as questões de teoria política, “colocando à vista” o enraizamento social de certas oposições que se percebiam habitualmente como inscritas somente no universo político no sentido habitual do termo.

Um dos grandes problemas teóricos que nós abordamos (o qual perdíamos e encontrávamos sem cessar) era aquele das condições sobre as quais pode se realizar a representação de um grupo quando esse último é formado por indivíduos que, na sua grande maioria, são culturalmente “dominados” (quer dizer, distantes da cultura legítima) e, portanto, muito diferentes uns dos outros (por sua origem, pela cultura a qual pertencem, a forma de sua inserção no mundo industrial e urbano), e quase sempre levados por razões estruturais a se colocar diante daquele que eles querem designar como porta-voz, em uma relação de delegação global e durável, uma relação de confiança que pode ir até ao abandono; aquela relação que

Bourdieu, retomando um termo dos canonistas da Idade Média, chama de “*fides implicita*”. O caso Corouge permitia então trabalhar concretamente, a partir de um material etnográfico particularmente rico,²⁰ aquele conceito abstrato empregado por Bourdieu nos seus trabalhos sobre a representação política. A prova do trabalho de campo tinha uma grande virtude: de uma parte, ela evitava toda tentação de se lhe fazer uma utilização falaciosa,²¹ e de outra parte era um constante convite a ficar vigilante contra toda uma deriva de análise legitimista dos engajamentos operários. Porque, através desse abundante material (houve em seguida muitas entrevistas efetuadas com operários não-qualificados [OS] delegados da linha de montagem) estava sem cessar colocada a mesma questão, ao mesmo tempo teórica e prática: aquela das “contradições” nas quais se encontra mergulhado no meio operário (e particularmente na fábrica) aquele que deve assumir a carga dessa representação, uma vez que ele é investido em porta-voz; e também aquela das condições nas quais ele se encontra “designado” – da maneira como ele vive esta carga como uma simples tarefa ou como uma missão, das exigências múltiplas e contraditórias as quais ele está submetido, as tensões que daí resulta, e que podem levar até a um tipo de esquarteramento. “O problema do porta-voz”, diz Bourdieu, “é de oferecer uma linguagem que permite aos indivíduos universalizar sua experiência sem, portanto os excluir de fato da expressão de sua própria experiência, o que significaria ainda lhes ‘desapossar’”.

Esquemáticamente, parti de uma reflexão centrada sobre a questão das mudanças vindas no curso dos anos 1970 e começo dos anos 1980; por um lado, do trabalho dos operários da indústria automobilística (e singularmente do trabalho dos operários não-qualificados [OS]), por outro lado, na prática dos militantes (ou antes, na percepção que um militante de base podia ter das transformações nas quais ele mesmo estava implicado). Portanto, uma reflexão mais centrada sobre os problemas habitualmente abordados no quadro da sociologia do trabalho. E cheguei a uma reflexão mais centrada nas questões da cultura popular, da dominação simbólica, da relação que as classes populares podem ter com a cultura dominante etc. Cheguei a me perguntar se, refletindo sobre os “grandes” eventos da vida de um militante operário, os episódios mais importantes de sua biografia, eu não teria os meios de refletir sobre o problema do desapossamento operário na sua generalidade, e sobre as diversas formas de resistência que o grupo

²⁰ Mesmo se no começo está constituído principalmente de entrevistas, esse material vai, na medida em que a pesquisa caminha, se enriquecer de múltiplas observações feitas ao longo do tempo, seja no local do sindicato CGT [Confédération Générale du Travail] de Sochaux, seja naquele de Audincourt.

²¹ Tal como se pode encontrar nas análises miserabilistas que apresentam os militantes operários como enfeudados nos aparelhos (conforme os “homens de mármore” descritos por Lavau, ou os militantes servis representados nos últimos trabalhos de Verdès-Leroux).

operário pode opor a este desapossamento. Questão que, para começar a ser tratada, exige que se fale também da maneira como esse grupo operário está preso em um movimento de reestruturação contínua. O próprio do militantismo não é que ele deve contribuir para “fazer” o grupo, para o fazer existir além de todas as mudanças que o afetam?

O elo intermediário na minha reflexão tem sido a análise do trabalho político efetuado pelos militantes, da maneira como a questão da representação política se colocava para Christian Corouge, da maneira como ele recusava e assumia ao mesmo tempo seu papel de militante, as contradições nas quais ele estava colocado, e da maneira como ele tentava superá-las. O que quer dizer que, uma vez mais, eu me vi confrontado com um esquema de Pierre Bourdieu e a análise que ele desenvolveu longamente sobre o trabalho político e os problemas de representação. No ponto de partida da reflexão de Bourdieu sobre o campo político há, no fundo, a crítica da opinião corrente segundo a qual as classes dominadas - operários, camponeses - não se interessam (ou não se interessam mais) pela política (o que Habermas chama de despolitização estrutural). Pierre Bourdieu mostra muito bem que as questões de tomada de posições políticas ou de despolitização não podem ser abordadas independentemente de se levar em conta duas coisas: de um lado, a estrutura do espaço social, o campo das relações de classe, e, de outro lado, a existência de um campo propriamente político que foi constituído historicamente ao preço de um imenso trabalho (e que constituiu a maior parte de suas características depois da Revolução Francesa, no decorrer do século XIX). Não se pode separar a questão das tomadas de posição chamadas de políticas dos indivíduos membros de um grupo da questão das tomadas de posição deles em outros domínios da existência (por exemplo, da relação das competências políticas e artísticas); não se pode também separá-la da análise das formas que toma a divisão do trabalho “político” no interior dos diferentes grupos sociais e das formas de delegação que se operam de um grupo a outro. A análise de um caso particular, como esse de Christian Corouge, obriga ao mesmo tempo a reconhecer o grande interesse desse esquema, e a colocar outras questões: notadamente sobre a complexidade dos laços que podem unir o militante ao seu grupo, e sobre a forma das trocas que se produzem entre eles. Ela leva, em todo caso, a aprofundar a análise do fato e das formas de delegação. As excitações, os remorsos, as violências de Christian Corouge reenviam sempre aos problemas reencontrados no grupo e mais freqüentemente vividos em grupo: problema das decalagens entre os desejos do militante, constituídos por uma certa história, e as aspirações do grupo; problema das “gratificações” que ele encontra no grupo; problema da maneira como ele se sente ao mesmo tempo incluído e estrangeiro etc.

À guisa de conclusão, gostaríamos de insistir sobre dois outros ensinamentos essenciais do trabalho de Bourdieu que nos serviram na condução da nossa pesquisa em Sochaux.

Primeiramente, a questão chave da ilusão monográfica. Por definição, fazer trabalho de campo, “trabalhar numa pesquisa de campo” (*fieldwork*); é tomar por objeto uma área geográfica limitada, um grupo real restrito. Trata-se sempre, então, de correr o risco de se fechar sobre o seu campo de trabalho, nos seus objetos (uma fábrica, um bairro, uma escola primária ou secundária etc.), esquecendo-se de considerar que este campo de trabalho deve uma parte de suas características ao seu ambiente econômico e social. Bourdieu lembra aos etnólogos de não se esquecerem desse princípio do método: aquele do primado da análise relacional. Uma oficina de fábrica deve-se estudar em comparação com outras oficinas da mesma fábrica; essa mesma fábrica ganha ao ser re-situada no contexto econômico local, comparada com as outras fábricas da “bacia de emprego”. E assim em seguida para cada um dos objetos que nós havíamos estudado, simultaneamente ou sucessivamente, no trabalho de campo: os diferentes subgrupos de operários de Sochaux, os diferentes tipos de militância operário (CGT/CFDT/“Peugeotistas”), de lugares de formação (centro de aprendizagem, Liceu de Ensino Profissional [LEP], escola técnica secundária, missão local), de locais de habitação (HLM, habitação popular (*pavillonnaire*) urbana ou rural.²²

Em segundo lugar, a questão do modo de escritura etnográfica: por seus escritos, assim como por seus seminários, Bourdieu encorajava (sem o teorizar *ad libitum*) a produção de estudos de caso, como o testemunha aquele texto maior que é o “Celibato Camponês” (*Célibat Paysan*, in *Études Rurales*, 1962). Texto que autoriza, se assim se pode dizer, a conceber uma escrita etnográfica que se esforça para tirar proveito desses momentos raros mas quase “mágicos” para o etnógrafo, no curso de uma pesquisa de campo, onde se condensam em uma só cena social múltiplos elementos de explicações parciais antes dispersos. É isso que nós tínhamos tentado fazer analisando esse confronto que teve lugar no dia 14 de julho de 1989, na garagem de um operário de Sochaux, entre nós (os “sociólogos”) e um operário profissional que, já bem “alto” ao final de uma refeição festiva bem provida, se insurgiu contra a predileção que, segundo ele, nós manifestávamos em nossa pesquisa com relação aos operários magrebins do setor.

Como interpretar essa cena? Imaginemos hoje um(a) jovem sociólogo(a) urbano e “radical” à procura de grandes esquemas teóricos, mais ou menos heróicos, que, por exemplo, lê sobretudo os livros publicados

²² Em francês, *Habitation de Loyer Modéré*. Conjuntos habitacionais construídos para a finalidade de prover habitação social para a população pobre que aflui às zonas metropolitanas. Espécie de BNH.

em Amsterdam sobre *Cultural* ou *Subaltern Studies*): ele ou ela insistirá evidentemente sobre o lado “pós-colonial” da cena, (a granada armada de um antigo arregimentado da guerra da Argélia que não suporta mais a invasão de seu universo cotidiano pelos imigrantes magrebinos). Poder-se-ia dizer que, com “Bourdieu na cabeça”,²³ e graças ao conhecimento íntimo do contexto permitido por nossa longa pesquisa de campo, estávamos por um lado mais protegidos contra tais sumários interpretativos e também contra esses efeitos de moda teóricos tão fortes em ciências sociais (o pós-colonial como conceito-ônibus explicativo), e por outro lado incitados a explorar, antes de mais nada, as lógicas próprias à hierarquização social interna ao mundo das classes populares de Sochaux-Montbéliard. No fundo, ter “Bourdieu na cabeça” em Sochaux era também isto: ter uma grande vigilância com relação ao “intelectualismo” (com as suas sobre-interpretações inscritas numa fraca ancoragem empírica) e o acento sempre colocado sobre a descrição e a análise das lógicas práticas dos entrevistados (no caso aqui, do meio popular).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALAZS, Gabrielle. Les facteurs et les formes de l'expérience du chômage. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 50. Paris, 1983
- BEAUD, Stéphane; PIALOUX, Michel. *Retour sur la condition ouvrière*. Paris: Fayard, 1999. Edition de poche: La Découverte, 2011 (com um longo prefácio inédito)
- _____. Notes de recherche sur les relations entre Français et immigrés à l'usine et dans le quartier. *Genèses* 30, 1998.
- BOLTANSKI, Luc. *Les Cadres*. Paris: Seuil, 1982.
- BONVIN, François. Une seconde famille. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 30, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Travail et Travailleurs en Algérie*, Paris: Mouton, 1964.
- _____. La représentation politique. Éléments pour une théorie du champ politique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 36-37, 1981.
- _____. *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.
- CHAMBOREDON, Jean-Claude. La délinquance juvénile. Essai de construction d'objet. *Revue Française de Sociologie* 12/3, 1971.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. *La tradition sociologique de Chicago (1892-1961)*, Paris: Seuil, 2001.
- COMBESSIE, Jean-Claude. Marché du travail et dynamique des valeurs. La cucillette du coton en Andalousie. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 41, 1982.

²³ Cumprе esclarecer que a expressão traduzida para o português “Bourdieu na cabeça” foi a solução que pareceu mais fiel à idéia – inteligentemente ambígua” que o termo “*Bourdieu en tête*”, no original, permite. Isso porque a expressão, na língua portuguesa, abarca dois significados: Bourdieu como inspiração e influência (ter Bourdieu “em mente”), mas também Bourdieu como afirmação (escolha resoluta, enfática e inquestionável: assim como se diz, por exemplo, de algo que vem na frente de tudo, em primeiro lugar, como no jogo do bicho o animal que foi sorteado para o prêmio: “*águia na cabeça!*” etc.) [N.d. R.T.]

- _____. *Au sud de Despenaperros. Pour une économie politique du travail*. Paris:Édition de la Maison des Sciences de l'Homme, 1989.
- COROUGE, Christian; PIALOUX Michel. Chroniques Peugeot. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 52-53; 54; 57 et 60, 1983 et 1984.
- _____. Engagement et désengagement militant aux usines Peugeot de Sochaux dans les années 1980 et 1990. Pourquoi la «Chronique Peugeot» de 1984-1985 parue dans Actes s'est-elle interrompue? *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 196-197, 2013/1-2.
- _____. *Résister à la Chaîne. Dialogue entre un ouvrier de Peugeot et un sociologue*. Marseille: Agone, 2011.
- DELSAUT, Yvette. Le double mariage de Jean Céliste. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 6, 1976.
- DESROSIERES, Alain; GOLLAC, Michel. Trajectoires ouvrières. *Economie et Statistiques*, septembre 1982.
- DESROSIERES, Alain; PIALOUX, Michel. Rapport au travail et classes sociales. *Critiques de l'économie politique* 34, 1984.
- FAGUER, Jean-Pierre. Pour une histoire de la précarité : transformation des emplois précaires et des modes de management. *Lettre du CEE*, avril 1999.
- GLASER, B.; STRAUSS, A.. *The discovery of Grounded theory*. University of Chicago Press, 1964.
- GRIGNON, Claude. *L'ordre des choses. Les fonctions sociales de l'enseignement technique*. Paris:Minuit, 1971.
- IHERAN, François. L'assise statistique de la sociologie. *Economie et Statistiques*, juil./aou. 1984.
- HOBBSBAM, Eric. Sexe, symboles, vêtement et socialisme. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 23, 1978.
- HOGGART, Richard. *La culture du pauvre. Étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Paris: Minuit, 1970 (primeira edição: 1957)
- LINHART, Robert. *L'établi*. Paris: Minuit, 1978.
- MILLS, C. Wright. *L'imagination sociologique*. Paris: Maspéro, 1967 (primeira edição, 1959).
- NOIREL, Gérard. *Les Ouvriers dans la société française (XIX^e – XX^e siècle)*. Paris: Seuil, Coll. «Points», 1986.
- PIALOUX, Michel. Jeunes sans avenir et travail intérimaire. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 26, 1979.
- _____. Alcool et politique dans l'atelier. Une usine de carrosserie dans la décennie 1980. *Genèses* 7, Mars 1992: 94-128.
- _____. L'ouvrière et le chef d'équipe ou comment parler du travail? *Travail et Emploi* 62, janvier 1995.
- SAYAD, Abdelmalek, *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. Bruxelles: De Boeck, 1991.
- _____. *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil, 1999.
- SCHWARTZ, Olivier. L'empirisme irréductible. In: Nels ANDERSON, *Le Hobo*, Nathan, 1999 (primeira edição, 1922).
- THOMPSON, Edward Palmer. *La formation de la classe ouvrière anglaise*. Paris: Seuil, 1989 (primeira edição, 1963).
- TOPALOV, Christian. Écrire l'histoire des sociologues de Chicago. *Genèses* 51/2, 2003.
- WILLIS, Paul. L'école des ouvriers. *Actes de la recherche en sciences sociales* 24, 1978.